

BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*.
Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2021, 94 p

Claudia Danielle de Andrade Ritz *

A obra *Confiança e Medo na Cidade*, de Zygmunt Bauman, reforça a capacidade do sociólogo polonês de proporcionar uma densa reflexão crítica sobre os problemas das cidades tidas como globais, a partir do marco histórico do século XX. Se os polos urbanos aglutinam os serviços e funções próprias dos centros globais, estes espaços também concentram grandes fluxos de pessoas. A mobilidade é constante, quer seja nos locais privilegiados economicamente, galgando investimentos variados, mas especialmente em infraestrutura, como também nas áreas com predominância da pobreza, locais que concentram significativa degradação. O deslocamento humano é favorecido em grande medida por questões econômicas. Contudo, as guerras, a fome, as variadas perseguições, dentre outras situações, fomentam as mobilidades e nutrem o medo. Bauman, aborda de modo incisivo a relação entre o medo e a confiança nas cidades, aspectos que inerentes ao agir dos cidadãos.

No primeiro capítulo, intitulado como *Confiança e Medo na Cidade*, o sociólogo registra a observação na Europa, de tendência ao medo, o que proporciona a necessidade no indivíduo de sentir-se seguro, chegando a estabelecer uma “obsessão maníaca por segurança.” (Bauman, 2021, p.13). O autor se vale de autores proeminentes nas reflexões propostas ao longo do livro. Robert Castel é mencionado para tratar das “angústias alimentadas pela insegurança”. Não obstante, Bauman consigna a constatação de que as sociedades

Resenha submetida em 13 de setembro de 2023 e aprovado em 07 de dezembro de 2024.

* Doutorado em Estudos da Religião pela Universidade Católica Portuguesa. Doutorado e mestrado em Ciências da Religião, bacharelado em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Bacharelado em Teologia pelo Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix. Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. País de origem: Brasil. ORCID: 0000-0002-1779-2329. E-mail: claudiaritz7@gmail.com.

atuais estão entre as mais seguras que já existiram. Refletindo sobre as motivações para o sentimento de insegurança, assevera que a obscuridade é uma razão a ser considerada, pois não há segurança plena e essa constatação é explicada pela presença do delinquente. Desta maneira, na perspectiva de Robert Castel, a insegurança moderna reside na presença do medo dos crimes e dos criminosos. Bauman conclui que não confiamos na solidariedade humana, pois a “culpa por esse estado das coisas é do individualismo moderno [...], a supervalorização do indivíduo, imposta pela rede de vínculos sociais. (Bauman, 2021, p. 16).

A desregulação estatal e as consequências individualistas fomentam os medos, quando os vínculos que eram amigáveis, estabelecidos na comunidade entre as pessoas, foram fragilizados ou rompidos. A solidariedade, é posta útil, frente ao destino incerto. “A solidariedade sucedeu a irmandade como melhor defesa para um destino cada vez mais incerto.” (Bauman, 2021, p. 21). Logo, a substituição da solidariedade pela competição entre indivíduos é desreguladora e fomentadora de incerteza e inseguranças. Tal dissolução, na análise perspicaz de Bauman, nos transforma “em indivíduos *de jure* (de direito), o que dificulta o alcance da condição de indivíduos *de facto* (de fato).” (Bauman, 2021, p. 21).

Na modernidade sólida, o dissabor era a incapacidade de se conformar, na modernidade líquida, o desafio é a inadequação. Robert Castel é citado novamente para abordar as “classes perigosas”, ou seja, pessoas temporariamente excluídas, cujo “progresso” econômico retirou a “utilidade funcional.” Nesse sentido, Bauman conclui que a linha é sutil entre o “supérfluo” e o “criminoso.” Utilizando o termo *underclass* e compara com o criminoso, dizendo criticamente, que ambas são tratadas como subcategorias de “elementos antissociais”. (Bauman, 2021, p. 24). Essa é uma constatação que considera que esses elementos antissociais não contribuem com funções consideradas reconhecidas e úteis. A dinâmica é de segregação, o que ocorre também nas relações.

Bauman compartilha o estudo de Gumpert e Drucker, para destacar o paradoxo entre o afastamento da vizinha com a necessidade de maior aproximação com sistemas de segurança, gerando a “polarização” descrita por Manuel Castells. A crítica aguçada de Manuel Castells acerca da polarização,

decorre das “políticas cada vez mais locais, num mundo estruturado por processos cada vez mais globais.” (Bauman, 2021, p. 32). Indivíduos centrados em si, num vórtice global, que se estrutura confinado num espaço urbano, cenário que sedia a busca de sentido, de formação identitária de relações e remodelações dos vínculos sociais. Bauman, considera que essa é a situação de confronto geral que norteia todas as cidades líquidas, embora em graus distintos nas respectivas cidades.

Expondo o pensamento de Michel Peter Smith, relata a viagem do pesquisador a Copenhague, quando viu grupos de imigrantes, letreiros em línguas diversas, mostrando que as cidades globais, não se restringem a Londres ou a Nova York. Alguns componentes das cidades são inerentes aos espaços urbanos, como a presença do estrangeiro que, para Bauman, evoca no cidadão o desconhecido. Nesse sentido, a pesquisadora Teresa Caldeira é mencionada para citar São Paulo, definida como cidade feita de muros. Muros nas casas, nos condomínios, nos escritórios, nas escolas, nos parques e nas praças, “a estética da segurança, impondo a lógica fundada na vigilância e na distância.” (Bauman, 2021, p. 39). Entretanto, o muro, ou seja, a vigilância e a distância, não significa segurança efetiva. Na compreensão de Bauman, resulta em uma tendência à segregação, uma forma de exclusão.

As cidades pensadas sob a perspectiva da segurança, acentuam em sua arquitetura e dinâmica, o perigo constante, como assevera Nan Ellin. A arquitetura de um espaço comunica com as pessoas e a comunicação é sobre o perigo. O arquiteto norte-americano Steven Fustry, comenta que os recentes projetos arquitetônicos e urbanísticos nos Estados Unidos, são equivalentes aos “fossos pré-modernos”, pautados na “*mixofobia*”, ou seja, no medo de misturar-se. Esses são pressupostos contraditórios ao sentido de comunidade, fomentando a desintegração da vida compartilhada, favorecendo as ilhas de identidades que são percebidas nas cidades. A *mixofobia*, para o autor Richard Sennett, é fomentada pela “sensação de nós, pela aversão à semelhança, não é mais que um modo de fugir da necessidade de olhar profundamente um dentro do outro.” (Bauman, 2021, p. 44).

Todavia, Bauman pondera que a cidade expressa para muitos, a ambivalência, porque a variedade sugere oportunidade, possibilidade, oferta,

indicando uma certa “*mixofilia*”. *Mixofobia* e *mixofilia* coexistem, de modo incômodo, como é a ambivalência da cidade líquida. Hans Gadamer, é aludido para indicar a compreensão recíproca decorrente da “fusão de horizontes”, que acumulam experiências de vida. Afinal, “não se pode pensar em compartilhar experiência sem partilhar um espaço” (Bauman, 2021, p. 51), o que enseja a reflexão sobre a *confiança e o medo na cidade*.

No segundo capítulo da obra, intitulado *Buscar abrigo na caixa de Pandora: medo e incerteza na vida urbana*, Bauman assertivamente inicia pela afirmação do desconforto inerente à existência humana, o que propicia a “ficção de segurança”. O progresso foi posto como expressão de otimismo extremo e promessa de felicidade, mas na compreensão do sociólogo, resultou em efeito contrário, a palavra progresso provoca insônia e medo de ser o indivíduo retardatário. David L. Atheide, explana que o medo reforça a sensação de caos e as estratégias de mercado se utilizam deste medo. Stephen Graham corrobora ao dizer que os publicitários exploram o medo difuso. Ray Surette retrata uma cena cinematográfica para explicar a dinâmica do medo na cidade, quando os “policiais cão fila, protegem cidadãos ovelhas de criminosos lobos” (Bauman, 2021, p. 56), demonstrando que a insegurança e o medo são iminentes e constantes.

Destarte, a concentração de pessoas nas cidades urbanas cresce e segue com tendência ao aumento continuado. A Namíbia, é posta como exemplo, um país tradicionalmente camponês. Todavia, essa característica tem mudado, como indica Keen Shote, ao afirmar que a população no campo diminui bruscamente enquanto a população da capital Windhoek duplicou. O excedente da população na cidade, desloca-se para as favelas, que se espalham pela capital. O atrativo dessa capital, assim como de tantas outras é a ideia de uma vida melhor, um ideal de realidade que não se confirma. O excesso de mão de obra resulta em mão de obra excedente, ou como prefere Bauman, mão de obra “sobrantes.”

A dimensão do espaço público no contexto das cidades é também refletida por Bauman, que considera como premissa deste espaço, o acesso de homens e mulheres, sem que precisem ser previamente selecionados, sem controle pessoal, o que torna a pessoa no espaço público, uma presença anônima. Este pressuposto se revela crucial para o futuro urbano. A proposta de Nan Ellin é de uma

“urbanística integral”, tarefa árdua, mas essencial, reconhece a pesquisadora. Lewis H. Morgan, sintetiza dizendo que a arquitetura fornece um “testemunho exaustivo do progresso da barbárie para a civilização”. Bauman esclarece que “o progresso para a civilização não é uma conquista, mas uma permanente luta cotidiana e um combate jamais totalmente vitorioso e que muito provavelmente não alcançará a sua meta, mas que continua a ser encorajado pela esperança de vencer.” (Bauman, 2021, p. 73).

Assim, no terceiro e último capítulo, intitulado *Viver com estrangeiros*¹, o sociólogo inicia falando da vivência na cidade, que significa intrinsecamente viver junto, o que inclui viver junto com os estrangeiros, aliás, “jamais deixaremos de ser estrangeiros: permaneceremos assim, e não interessados em interagir, mas justamente porque somos vizinhos uns dos outros, destinados a nos enriquecer reciprocamente.” (Bauman, 2021, p. 74). Isso porque, a cidade é local de deslocamento de fronteiras entre as pessoas. Citando o antropólogo Frederick Barth, somos apresentados a uma abordagem interessante acerca das fronteiras. As fronteiras não são estabelecidas com o intuito de separar diferenças, mas é das fronteiras que as diferenças se revelam e nós tomamos consciência. Utilizamos as diferenças para legitimar as fronteiras. Ocorre que, a humanidade é feita de diferenças, não há ninguém idêntico, somos diversos, mas, segundo Frederick Barth, algumas diferenças incomodam porque estão relacionadas com as fronteiras que foram estabelecidas. Pensando sobre algumas causas ou motivações, Bauman aponta a globalização, ou a “planetarização”, como aduz Alberto Melucci.

O espaço global, confronta o espaço que queremos como nosso “lugarzinho”, um lugar suficiente e confortável. Bauman, retoma a figura do estrangeiro, lembrando que este traz consigo uma história que em não raras circunstâncias nos lembra dos horrores da guerra, da fome, representa o pesadelo que tememos e escancara a fragilidade da condição humana, da nossa suposta segurança e faz emergir o medo. A lembrança daquele que se desloca por uma tragédia não é uma situação que os cidadãos querem arrazoar. Esta, talvez, seja uma das razões pelas quais o estrangeiro revela a diferença que demarca

¹ Transcrição de conferência proferida por Zygmunt Bauman no congresso *Confiança e Medo na Cidade*, que teve lugar em Milão, em março de 2004.

fronteiras, embora não sejam os únicos. Não é possível olvidarmos, segundo Bauman, que nas cidades há também as pessoas “*superfluas*”, ou seja, aquelas que são tratadas cruelmente como inúteis. Estes também são aspectos presentes na cidade contemporânea.

Mas, afinal, conclui Bauman, a modernidade venceu, celebramos o mercado, economia e consumo livres. E, é exatamente esse modelo de cidade e de sociedade, que produz as pessoas consideradas “*superfluas*”, “*underclass*”, em espaços que são “*vedados*”, pois desencorajam as pessoas a ficarem próximas, assevera Steven Flusty. Frente ao exposto, a tarefa que Bauman apresenta é perspicaz e esperançosa, “tornar humana a comunidade dos humanos”.